

APRESENTAÇÃO

Nas páginas do primeiro número da décima-nona edição da revista *Scripta Uniandrade*, temos a grata satisfação de apresentar o eixo temático “Literatura brasileira contemporânea” que reúne dezesseis artigos sobre produções literárias brasileiras das duas primeiras décadas do século XXI, marcadas pelo hibridismo derivado de uma multiplicidade de tendências estéticas de diversas escolas literárias anteriores.

Para a abertura da seção temática, selecionamos três artigos que investigam a contemporaneidade de vertentes literárias brasileiras pouco conhecidas entre nós, como a literatura indígena, a literatura-terreiro e a literatura marginal, nas quais diferentes vozes, estilos e linguagens buscam um espaço de reconhecimento no contexto da cultura brasileira. No artigo “Rastros do futuro: os muitos tempos da literatura indígena brasileira”, Livia Penedo Jacob examina obras literárias produzidas pelos povos nativos brasileiros. Nestas produções literárias, denominadas de “literatura indígena brasileira contemporânea”, a percepção sobre a história difere da perspectiva linear ocidental. Seguindo os passos das obras teóricas assinadas pelas pesquisadoras indígenas Graça Graúna (2013) e Julie Dorrico (2018), a autora indaga, a partir de argumentos de autores indígenas e não indígenas, a exemplo de Agamben (2009) e Latour (2013), se as referidas obras podem (ou não) ser associadas à categoria do contemporâneo.

Dênis Moura de Quadros, em “Literatura brasileira contemporânea: tópicos de literatura-terreiro nos contos de Mãe Beata de Yemonjá”, revisita o conceito de literatura-terreiro a partir da noção de contemporâneo como ruptura temporal e como constante presença da *arké* como preconiza Agamben (2009). Para tanto, retoma os conceitos de afro-rizoma (SANTOS; RISO, 2013) e de oralitura (MARTINS, 1997; 2007), com o intuito de refletir sobre alguns contos de Mãe Beata de Yemonjá (1931-2017) publicados em *Caroço de dendê: A sabedoria dos terreiros: Como Ialorixás e Babalorixás passam conhecimento a seus filhos* (2008), especificamente “Oxé, o ajudante das mulheres que queriam parir”; “O Odu Ojonilé”. “Odu Okaran”; “Oko”; e “Ofu”. Estes contos trazem relatos dos Odus (AYOH’OMIDIRE, 2005; SOUZA PINTO, 2015) que aglutinam em si narrativas, ebós (oferendas) e itãs (mitos de Orixás).

E, no ensaio, “A identidade marginal periférica em *O sol na cabeça*, de Geovani Martins”, Ana Paula Franco Nobile Brandileone analisa diversos contos da coletânea mencionada, entre eles “Rolézim”, “Espiral”, “A história do Periquito e do Macaco”, “Estação Padre Miguel”, “Sextou” e “Travessia”, utilizando os pressupostos teóricos que fundam a literatura marginal. A autora conclui que, ao dar voz aos anteriormente silenciados, Martins escancara a periferia e o ser periférico, colocando o leitor em contato com esta crua realidade.

Na continuidade, dois ensaios abordam questões da tradição literária em que se insere o regionalismo brasileiro. No artigo, “O romance sul-rio-grandense contemporâneo conforme o Prêmio Açorianos (2010-2018)”, Edcleberton Andrade Modesto e Ricardo Araújo Barbarena discorrem sobre o Prêmio Açorianos de Literatura que, desde 1994, revela novas vozes da literatura sul-rio-grandense. Os autores apresentam um breve panorama da premiação, do período entre 2010 e 2018 e, em seguida, traçam o perfil de escritores premiados na categoria narrativa longa. Além disso, buscam entender os mecanismos de funcionamento e a influência que um concurso literário exerce sobre um determinado local, utilizando como aporte as contribuições teóricas de Perrone-Moisés (1998), Dalcastagnè (2012) e Moreira (2003). Por sua vez, o diálogo intertextual que o romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, estabelece com a tradição literária em que se insere, especialmente, com o regionalismo brasileiro e com o realismo mágico latino-americano, é descrito por Marcelo Cordeiro de Mello, no artigo “Diálogo interliterário e escrita metaliterária em *Torto arado*: luta política no ciclo da terra”. O autor explicita, ainda, alguns aspectos metaliterários que estruturam a narrativa, a partir da ideia do ciclo de vida e morte ligado à terra, mostrando a luta política dentro do romance que dialoga com o tempo presente.

Na sequência, uma série de cinco artigos aborda romances que reúnem temáticas contemporâneas e experimentalismo formal. Observa-se que as técnicas inovadoras remontam a tendências estéticas de períodos literários anteriores, tais como a intertextualidade, as metalinguagens, o engajamento social e outros. Há a convivência dos mais diversos estilos e abordagens, visto que o contemporâneo reivindica total liberdade de expressão e não segue paradigmas. No ensaio “*Essa gente*, de Chico Buarque, como um romance (não) escrito: metaficção e crítica social”, Genilda Azeredo mostra como a metaficção problematiza as noções de autoria, leitura e interpretação. Os resultados dessa análise demonstram a singularidade de *Essa gente*, e comprovam que Chico Buarque tem sido responsável não apenas pela inovação do romance como forma, mas também pela articulação entre inovação formal e crítica social. Por seu turno, Marcos Antônio Fernandes dos Santos e Emanuel Cesar Pires de Assis, no artigo intitulado “Escrita literária, realismo e outros aspectos do contemporâneo em *A arte de produzir efeito sem causa*, de Lourenço Mutarelli”, exploram diversos níveis do contemporâneo à luz de perspectivas teóricas de Schøllhamer (2009), Figueiredo (2012), Adorno (2003), Iser (1996), Jouve (2004), Fernandes (2001), entre outros.

A partir de estudos de Michel de Certeau (2014) que apontam o ato de caminhar como ação elementar da experiência urbana, Alex Bruno da Silva tece reflexões sobre as relações entre corpo e cidade, em “Visibilidade e ocultamento: a circulação dos corpos em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho”. A narrativa problematiza os deslocamentos e a diferença, na medida em que os personagens carregam em seus corpos os signos da exclusão e não encontram na relação com o espaço o sentimento de pertença. Em “Cartografias da paternidade e masculinidade em *Cancún*, de Miguel del Castillo”, Claudimar Pereira Silva discute as figurações da masculinidade e paternidade que emergem na tessitura narrativa do romance de Castillo, destacando o modo como elas apontam para uma masculinidade desviante dos padrões predeterminados e para a representação de uma nova paternidade. Para lançar luz sobre sua análise, o autor utiliza como ponto de partida, os pressupostos teóricos de Daniel Welzer-Lang (2001), Michael Kimmel (2005) e Raewyn Connell (2013).

O artigo, “Genocídio e suicídio na ficção de Michel Laub”, de Lara Luiza Oliveira Amaral, propõe-se a interpretar a ambiguidade entre escolher viver e escolher morrer, entre suicidas e sobreviventes de períodos de genocídio da história, a partir de personagens e eventos históricos, abordados na ficção de Laub. Para tanto, o aporte teórico da autora inclui estudos de Mbembe (2011), Kilomba (2008), Alvarez (1971) e Styron (1989), entre outros estudos complementares.

Na sequência, dois artigos versam sobre escritas que privilegiam cruzamentos com as artes plásticas e a imagem. Em “Ó de Nuno Ramos: entre matéria e ruído”, Irma Caputo destaca alguns procedimentos estéticos que parecem caracterizar a escrita do multiartista. Em seguida, relaciona tais procedimentos àqueles aplicados às artes plásticas, visando identificar como a escrita e a produção plástico-instalativa e a performática se relacionam do ponto de vista das estéticas usadas, a partir do conceito de regime estético das artes de Rancière (2013), e de uma possível virada epistemológica, partindo de considerações de Cecile Malaspina e Barry Smith. Por sua vez, Evelin Gomes da Silva e Clarice Lottermann, em “Livro de imagens: o construto visual do ritmo em *Selvagem* (2010), de Roger Mello”, identificam a organização de alguns elementos imagéticos para a composição do ritmo visual na obra, já que, no caso específico deste objeto literário, percebeu-se que determinadas transgressões da realidade ficcional proporcionaram uma mudança de perspectiva interpretativa, suscitando um novo olhar sobre a história. A fundamentação teórica das autoras contempla estudos da narrativa literária (D’ONOFRIO, 1995; CULLER, 1999; EAGLETON, 2006), da imagem e da potencialidade do ritmo como um fenômeno de criação e de percepção visual (MANGUEL, 2001; OLIVEIRA, 2008), para culminar nas reflexões sobre as “silenciografias” (BAJOUR, 2019), neologismo que diz respeito às marcas do não dito em livros de imagens.

A poesia brasileira contemporânea é objeto de discussão e análise em dois artigos. Em “Ninfa decaída: os vestidos viventes e as passantes de Carlito Azevedo”, Maura Voltarelli Roque pensa sobre as figurações da Ninfa enquanto forma feminina em movimento, tal como vista pelo historiador da arte alemão

Aby Warburg. A autora faz uma leitura de dois poemas publicados originalmente no livro *Collapsus linguae* que permitem ver o que chamamos uma sobrevivência dessa imagem vinda da Antiguidade e, ao mesmo tempo, sinalizam uma aproximação entre a imagem e a palavra. Outrossim, em “Gestos da escrita na poética de Waly Salomão entre a caligrafia e a tipografia”, Augustto Corrêa Cipriani investiga o aspecto imagético da escrita nos babilaques e nos poemas da poeta, considerando a visualidade do gesto por meio do uso da caligrafia e da tipografia. Num primeiro momento, a autora apresenta perspectivas teóricas sobre escrita e imagem, tanto no campo histórico-antropológico quanto no estudo das artes e da literatura no século XX. Após a discussão da noção de gesto e sua relação com a escrita, casos de caligrafia e tipografia são analisados, para revelar tanto as aproximações entre escrita e imagem quanto o aspecto gestual da escrita poética de Waly Salomão.

A ditadura militar brasileira é o tema que permeia os dois últimos artigos do eixo temático desse número da revista. Daniela Silva da Silva, em “A melancolia como procedimento de arquivo em *A noite de espera*, de Milton Hatoum”, mostra que o edifício literário construído por Hatoum, amparado por imagens de solidão, produz um sujeito melancólico, cuja força da viagem é a tinta que registra suas memórias, abrindo o romance para leitura arquivística, onde encontramos os dramas internos do personagem e suas relações com o Brasil dos anos da Ditadura Militar. Por outro lado, Alexandra Santos Pinheiro, em “*Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal: novos textos, velhos temas”, assevera que a literatura contemporânea é responsável por revisitar velhos temas, oferecendo uma releitura e um avivamento da memória histórica. A autora argumenta que a jovem escritora brasileira Beatriz Leal, nascida dois anos depois do fim da ditadura militar argentina, rompe a fronteira geográfica e temporal para recompor a trajetória de Laura, Clara e Rosa, vidas literárias inspiradas nas histórias das “Abuelas de la plaza de mayo”. Para iluminar suas colocações, dialoga com os pressupostos da crítica feminista de Kehl (2008); Figueiredo (2020) e Dalgastagnè (1996).

A seção Varia é constituída de seis artigos. O primeiro, intitulado “A esperança da morte: o luto impedido em *De amor e de sombra*, de Isabel Allende”, escrito por Rhuan Felipe Scomação Silva, versa sobre o luto inalcançável ou interrompido, com base nos estudos de Kübler-Ross (1996) e Rita Melo (2004). A partir da apresentação de trechos do romance de Allende que dialogam com as teorias sobre o luto, o autor compara os eventos do romance com situações empíricas, como a da abertura de um cemitério no Rio de Janeiro, que escondia os corpos de dezenas de desaparecidos durante a ditadura militar brasileira, com o objetivo de criar uma relação entre o luto e a incapacidade da população em conhecer o destino de seus entes queridos desaparecidos durante os regimes militares sul-americanos.

Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior, em “Entre a intenção e a recepção, a evidência de uma chave de leitura para *Ouro, fogo & megabytes*, de Felipe Castilho”, a partir das considerações teóricas de Compagnon (2010), elege a refiguração (REIS, 2018) de personagens do folclore brasileiro como principal mecanismo da construção do insólito na narrativa de Castilho. Para atingir os

objetivos propostos, o autor considera essencial debruçar-se sobre a materialidade de uma edição do livro, comentários de seus leitores no Skoob e resenhas críticas em blogs.

Em “Literatura de jornal: nos entremeios do dispositivo de legibilidade”, Rick Afonso-Rocha, busca responder a uma série de questões a respeito de textos publicados em colunas literárias de jornais. O autor destaca a importância do suporte material, evidencia a cotidianidade e a efemeridade, e apresenta o conceito de dispositivo de legibilidade como a rede que se forma entre o dito, não-dito, visível e não-visível em uma dada formação histórica, estabelecendo um campo de inteligibilidade.

O artigo de Sara Iriarte, intitulado “El conjuro del matrerismo en *El gaucho Martín Fierro* de Nogueira Leiria”, mostra que na tradução do poema para o português evidenciam-se dois movimentos: por um lado, a identificação com o gaúcho em sua veia heroica e, por outro, o conjuro do componente matreiro deste personagem. A autora discute diversas estratégias tradutórias utilizadas por Leiria, e conclui que a relação do gaúcho com a lei, especialmente no relativo à sua sublevação, exhibe certas diferenças em relação ao texto-fonte. Os desvios da tradução são avaliados à luz da função de porta-voz atribuída ao gaúcho, transformado em figura mítica, na cultura alvo.

Rosana Letícia Pugina, no ensaio “Era uma vez às avessas: a constituição paródica do poema “A Chapéu”, de Hilda Hilst”, com base nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1997; 2010), Bettelheim (2002), D’Onofrio (2007), Blumberg (2015) e Moraes (2015), conclui que Hilst, ao parodiar *A Chapeuzinho Vermelho* (1987), de Perrault, produz uma encarnação ao avesso dos contos de fadas, zombando dos papéis de gênero. O último artigo da seção Varia, de Suzana da Silva Souza, Lovami Volmer e Daniel Conte, intitulado “O encontro entre poesia e crítica social nas edições de *Slam*”, busca compreender as representações do *Slam*, a partir da perspectiva do encontro entre os sujeitos que compõem a sua dinâmica e da aproximação com outras áreas e campos artísticos. Os autores do artigo fornecem evidências da importância do *Slam* como manifestação social, artística e decolonial, capaz de abrir possibilidades de expressão literária àqueles que, em outros espaços, talvez, não fossem encontrar lugar à carga histórica que a sua voz carrega.

Neste primeiro número do volume dezenove da *Scripta Uniandrade*, oferecemos ao público leitor um rico panorama da criatividade e diversidade da literatura brasileira contemporânea. Fazemos votos que os leitores encontrem em nossa revista alimento para nutrir suas próprias reflexões a respeito das manifestações literárias e artísticas do contemporâneo.

As editoras